

Poluição ameaça a fauna do Paranoá

O lago Paranoá ainda está vivo. Às suas margens, garças, jaburus, biguás e mais uma centena de aves passeiam tranquilamente. Também há jacaré, cotia, capivara, cobras e uma variedade grande de peixes. Entretanto, quando o CORREIO BRAZILIENSE mostrou em reportagens anteriores essa outra realidade, muito mais agradável de ver, não estava tentando encobrir uma outra mau cheiroso e ameaçadora. Pelo contrário, é essa fauna riquíssima que, dentro de pouco tempo, poderá ser extinta, se medidas sérias e urgentes não forem tomadas para salvar o lago da poluição. E também do peixe poluído do lago Paranoá que centenas de famílias das favelas e um número cada vez maior de desempregados estão sobrevivendo.

ESTELA LANDIM
Da Editoria de Cidade

Ao se alimentar dos peixes do lago Paranoá, uma pessoa certamente não ficará doente agora, mas depois de alguns anos, com o acúmulo de inseticidas encontrados nas gorduras dos peixes e não eliminadas pelo organismo humano, as doenças se manifestarão. De acordo com pesquisas já realizadas, como, por exemplo, pelo professor Carmine Dianesse, da UnB, na gordura dos peixes do lago Paranoá foram encontradas grandes concentrações de pesticidas como DDT, Aldrin e Dieldrin.

Uma grande parte de responsabilidade pela poluição do lago cabe às empresas de dedetização, que somam mais de uma centena no Distrito Federal. Além das firmas especializadas e com registro próprio, um número muito maior de empresas clandestinas atua, sem que o Governo possa fiscalizá-las. Sem nenhum controle técnico, essas empresas utilizam os inseticidas clorados em concentrações elevadas, de forma totalmente errada.

O ecólogo Alvaro Negret, que tem se preocupado com a poluição do lago, fez questão de guardar todos os folhetos de propaganda enviados à sua residência pelas empresas de dedetização, oferecendo os seus serviços. Somente no ano de 83, ele recebeu nada menos que 36 exemplares desses folhetos, que tentam convencer as pessoas da necessidade delas dedetizarem suas casas, argumentando inclusive que o vizinho já fez isso e que não ficaria bem ele "deixar que as baratas de sua casa invadissem a dos outros".

Mas, além dos inseticidas utilizados para dedetização em residências, que leva uma forma ou de outra, não parar no lago depois de algum tempo, existem também os adubos quími-

cos e inseticidas utilizados nos núcleos hortigranjeiros. Esses núcleos estão localizados em grande número na bacia do lago, e são incentivados pelo próprio Governo, quando, entretanto, deveriam ser localizados em outras regiões. Abrigando mais de mil famílias japonesas, o principal núcleo hortigranjeiro, denominado Vargem Bonita I, está situado às margens do córrego do Gama, que designa no lago Paranoá. Era pretensão do Governo construir um segundo núcleo — Vargem Bonita II — que iria agravar ainda mais a poluição do lago.

AGUAPÉS

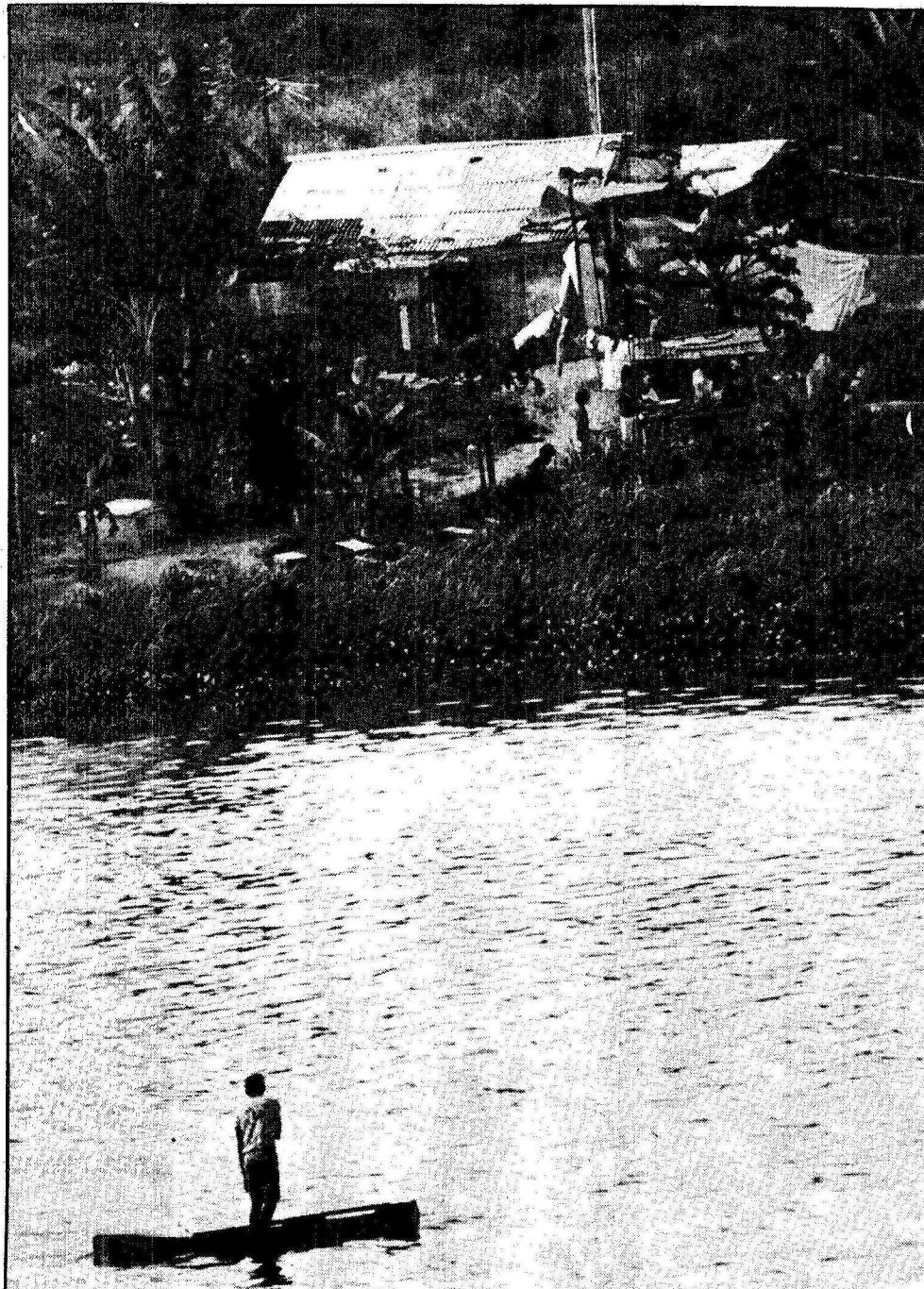
A grande quantidade de aguapés — uma planta aquática denominada eichornia — que está invadindo o lago Paranoá, é, segundo o ecólogo Alvaro Negret, um dos indicadores de que o lago está altamente poluído. Os aguapés, aparentemente, vieram das lagoas de sedimentação do Núcleo Bandeirante e são plantas que absorvem os nutrientes orgânicos, sendo consideradas despoluidoras.

Entretanto, para que tenham essa função, os aguapés têm que receber cuidados técnicos, já que proliferam com facilidade e se as plantas excedentes não forem retiradas, morrem, apodrecem, poluindo ainda mais o lago. O correto seria retirar essas plantas e levá-las para um biodigestor ou para a produção de adubos. O próprio superintendente da Caesb, João Carlos de Siqueira, recentemente fez um alerta com relação a essa excessiva proliferação de aguapés que, aliada à quantidade de esgotos jogados no lago, poderia provocar um grande mau cheiro na cidade, muito pior do que ocorreu em 1978.

Conforme reconhece o superintendente da Caesb, o problema do lago exige

uma solução global, que segundo ele, somente ocorrerá com a implantação de uma nova estação de tratamento de esgotos. O que acontece hoje é uma saturação, no lago Paranoá, de matérias orgânicas provenientes das lagoas do Guará e das estações de tratamento da Asa Norte e Asa Sul. Projetada para receber uma carga de 290 litros por segundo, a estação da Asa Norte recebe hoje o dobro dessa carga, o mesmo acontecendo com a estação da Asa Sul.

Além disso, muitas mãos do lago construiram esgotos clandestinos que são despejados diretamente no lago, e empresas de



O lago tem vários agentes poluentes: os barracos às suas margens são apenas um



Pescar antes podia ser apenas um passatempo. Hoje é meio de vida